



# ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses  
Volume 73

---

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,  
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**73**

Ano de Edição

**2022**

Ano Associativo AAP

**2021**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e Andrea Martins**

Design gráfico

**Flatland Design**

Fotografia da capa

**Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**300 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud
- A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA**
- 9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.  
Apresentação  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval  
António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real
- 37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais  
Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo
- 47 Defensa de la muralla augustea de Emerita  
Miguel Alba
- 67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado  
Ana Patrícia Magalhães
- 83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga  
André Carneiro
- 97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade  
João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias
- 107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes
- 121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas  
Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme
- 131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)  
Pedro Matos, Helena Catarino
- 143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão  
Jacinta Bugalhão
- 157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X  
Bruno Franco Moreno
- 169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)  
João António Ferreira Marques
- 177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)  
Alfonso Vigil-Escalera Guirado
- 187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus  
Susana Gómez Martínez
- 207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves  
Rosa Varela Gomes
- 221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X  
Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada  
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica  
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M<sup>a</sup>. José Gonçalves, Susana Gómez

## **ARTIGOS**

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas  
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)  
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

## **COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR**

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior  
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...  
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016  
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016  
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior  
Elisabete Martins Robalo

## **RELATÓRIOS**

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021  
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021  
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3<sup>o</sup> milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# DA LUZ E DAS SOMBRAS. O CASO DA VILLA DA HORTA DA TORRE (CABEÇO DE VIDE, FRONTEIRA) E A DESESTRUTURAÇÃO DA PAISAGEM RURAL ANTIGA

---

André Carneiro

Departamento de História da Universidade de Évora, Investigador integrado no CHAIA-UÉ e colaborador do CECH/FLUC / ampc@uevora.pt / ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0824-3301>.

## Resumo

A *villa* romana da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) tem sido objecto de campanhas anuais de escavação em curso desde 2012. Os resultados são surpreendentes e relevantes, permitindo identificar uma grande sala que atinge o seu *floruit* durante o século IV. No entanto, pouco tempo após o seu abandono, o espaço irá ser reocupado de forma completamente distinta.

Com escavações planificadas e mais rigorosas do ponto de vista metodológico, mais casos semelhantes têm vindo a ser detectados, mostrando a forma como no espaço de poucas gerações os modos de habitar no campo se alteram de modo significativo. Com outros exemplos convocados, discute-se como os perfis de ocupação e de povoamento se alteram ao longo dos séculos V e VI, provocando a transformação do sistema *clássico* da paisagem rural.

**Palavras-chave:** Transformação, *Villa*, Registo, Padrões de povoamento.

## Abstract

The Roman villa of Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) has been the object of annual excavation campaigns in progress since 2012. The results are surprising and relevant, allowing the identification of a great room that reaches its *floruit* during the IV century. However, shortly after its abandonment, the space will be reoccupied in a completely different way.

With planned and methodologically more rigorous excavations, more similar cases have been detected, showing how in the space of a few generations the ways of inhabiting the countryside changed significantly. With other examples, we discuss how the occupation and settlement profiles change throughout the V<sup>th</sup> and VI<sup>th</sup> centuries, causing the transformation of the classic system of the rural landscape.

**Keywords:** Transformation, *Villa*, Archaeological record, Settlement patterns.

## 1. COMEÇANDO: POR UMA ARQUEOLOGIA DAS EVIDÊNCIAS TÊNUES

A notável intervenção arqueológica conduzida por Bryan Ward-Perkins no fórum de Luni<sup>2</sup> demonstrou o elevado potencial informativo de uma escavação atenta à detecção de evidências que fogem ao “registo do padrão imperial”. Entre 1975 e 1979 foram realizadas escavações em duas habitações com ocupação durante o século VII, implantadas na antiga praça monumental do fórum. Com um registo cuidado recuperou-se um conjunto de dados que subsistiram mesmo após intervenções arqueológicas prévias, que tinham atingido cotas inferiores em mais de 30cm, procurando os pavimentos augustanos, de acordo com o então prevalente paradigma mussoliniano. A partir desta icónica intervenção, os processos de registo e escavação deixaram de estar unicamente focados na identificação de estruturas e na recolha de materiais: com a devida atenção e protocolo, procuram-se as reutilizações, reestruturações, associações contextuais, marcas de uso, os níveis de acumulação, despejo ou as remoções, recuperando as *evidências ténues* que uma escavação tradicional não detecta. Importa assinalar não só o óbvio mas entender processos, apurando-se a leitura interpretativa que passa a procurar perceber as “Arqueologias das Transformações” – assim mesmo, no plural – enunciadas por Neil Christie (2018: Xii), que demonstram toda a riqueza informativa que a sucessão de presenças (por vezes em *tempus curtos*) no espaço pode conter. Mais: a atenção não pode estar apenas na escavação localizada, no sítio *per se*, mas na apurada definição das variações regionais ou nos distintos processos entre sítios contíguos no espaço.

Por estes motivos, não creio ser necessário descobrir novos métodos ou procedimentos específicos para o trabalho de análise na Arqueologia da Antiguidade Tardia. Importa sim, concordando com a proposta de vários autores (Lava, Swift e Putzeys, 2008; Lavan, 2015), que se apurem os critérios de registo, transferindo a atenção dos objectos e estruturas arquitectónicas para os padrões de actividade e distribuição espacial das evidências, de modo a criar processos de interpretação que incorporem as *evidências ténues*. Apesar de tudo o que a Arqueologia portuguesa evoluiu nas últimas décadas, percebe-se que a experiência do fórum de Luni raras vezes tem sido replicada, na medida em que ainda com excessiva frequência os estratos de

<sup>2</sup> Ward Perkins 1981: 92. O supervisor da escavação e responsável pela interpretação estratigráfica foi Simon Ellis (nota 1).

ocupação pós-romana são ignorados por completo nos processos de escavação, registo e análise. E também a releitura de documentação antiga assinalada por arqueólogos mais atentos pode resgatar informação preciosa, como se procurou para a região do Alto Alentejo (CARNEIRO 2014 vol. I: 241-274).

## 2. CONSTRUINDO: A VILLA DA HORTA DA TORRE E A MONUMENTALIDADE DA PAISAGEM RURAL ROMANA

Por limitações de espaço, não é este o local para apresentar e debater todo o manancial informativo recolhido nas escavações arqueológicas em curso desde 2012 na *villa* da Horta da Torre<sup>3</sup>, que em outros locais tem sido sumariamente referido<sup>4</sup>. Relembrem-se apenas os dados mais significativos, começando por chamar a atenção para a proximidade deste sítio – cerca de 8km – em relação à vizinha *villa* de Torre de Palma (Monforte), extensamente escavada e estudada durante cerca de 50 anos. Apesar da monumentalidade estrutural e exuberância de vestígios à superfície, a Horta da Torre permaneceu invisível para a investigação até à realização da Carta Arqueológica do Concelho de Fronteira, a partir de 1999 (Carneiro, 2005), o que é revelador do modo como se encaram estes sítios como *ilhas* isoladas na paisagem (Figura 1).

As destruições motivadas por trabalhos agrícolas conduziram a um projecto sustentado de investigação plurianual que, apesar de confirmar o arrasamento de muitas estruturas e a perda de informação subjacente, também permitiu identificar um conjunto construído que, por vezes, tem um surpreendente grau de monumentalidade (1,35m de altura conservada no muro interior de fecho norte na sala de dupla ábside). A área de escavação encontra-se em progressão a partir da estrutura conhecida como *Torre* (Carneiro, 2014 vol. II: 266), que na realidade se verificou ser o coroamento em dupla ábside de uma sala monumental com um *stibadium*. Trata-se da segunda estrutura deste tipo a ser identificada em Portugal após o exemplar de Rabaçal (Penela) (Pessoa 2008), tendo como paralelos conceptuais o caso de El Ruedo (Almedinilla, Cordoba)

<sup>3</sup> Projecto de Investigação FRONTAGER aprovado em cinco ciclos de investigação pelo IPA, IGESPAR e, posteriormente, DGPC, com o apoio logístico e financeiro exclusivo do Município de Fronteira, em curso desde 2000.

<sup>4</sup> Carneiro, 2014, vol. II: 10.33. p. 266-268, com bibliografia; também Carneiro, 2017 e para os mais recentes resultados, Carneiro, Garcia Sánchez, Stek e Kalkiers 2019.

## Fronteira

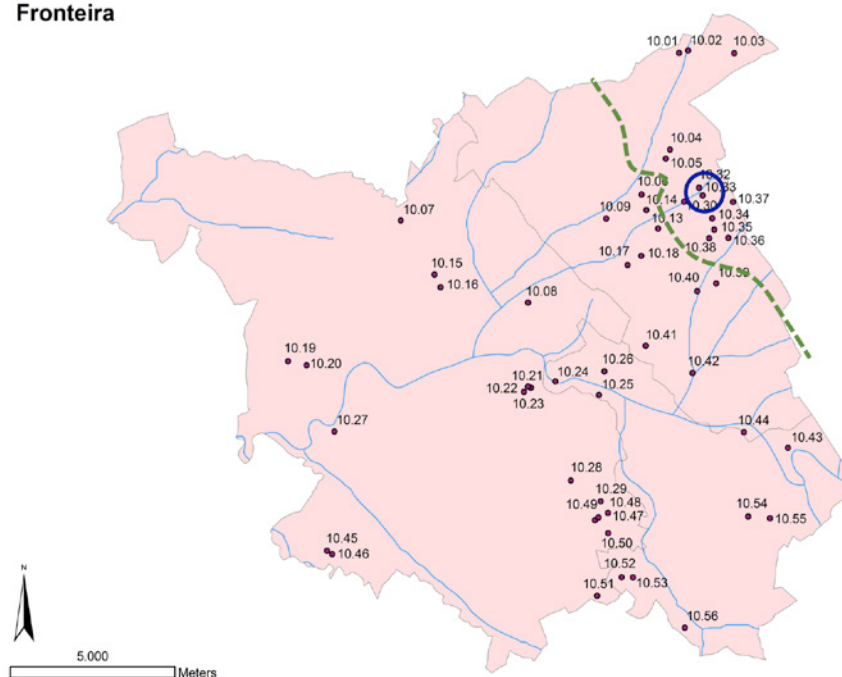


Figura 1 – Localização da *villa* da Horta da Torre no concelho de Fronteira e a proximidade ao itinerário da via XIV (CARNEIRO, 2014).

(Vaquerizo Gil, Noguera Celdrán 1997) e, em especial, o de Faragola (Apulia) (Volpe, 2006), com o qual poderá partilhar a condição de *cenatio* estival. Tal como neste sítio, verifica-se que o espaço da sala é concebido para proporcionar soluções altamente elaboradas que permitiriam a criação de um jogo de ilusões, construindo cenários artificiais. No caso da Horta da Torre, um orifício preservado e uma pequena comporta na parede detrás do *stibadium* possibilitavam a entrada de água para o interior da sala, criando uma fina película que teria efeitos visuais e sensoriais surpreendentes. Por este motivo, o pavimento da sala é revestido por um *opus signinum* impermeabilizante, estando a ligação ao rodapé feita por uma meia cana que impedia fugas de água. Sendo o espaço construído encarado como um todo, de gramática decorativa comum, os poucos dados recolhidos permitem entrever como a *cenatio* estival da Horta da Torre tem um programa pleno de inter-relações: um pequeno elemento arquitectónico em mármore que estaria no coroamento da parede regista um trifólio pertencente a uma planta aquática, a mesma que vemos nos mosaicos que estariam nas paredes acima do soco de placas de mármore, e que se encontraram altamente fragmentados no derrube parietal que preenchia por completo todo o espaço da sala. Deste modo, pelas soluções técnicas e decorativas, percebemos que toda a sala é pensada em função da presença de água, criando



Figura 2 – proposta de virtualização em modelo 3D reconstituindo o ambiente da sala do *stibadium*. Estudo por André Carneiro, Gonçalo Lopes e Carlos Carpetudo; modelo virtual por Carlos Carpetudo (<https://www.youtube.com/watch?v=OzyEanG9aVlk>).

um aparato visual espetacular com correspondência em descrições de textos da época<sup>5</sup> (Figura 2).

A sala de dupla ábside da Horta da Torre foi inicialmente considerada como a peça central de uma monumental *villa* romana, situação que os resultados da intervenção em curso desde 2012 pareciam confirmar. Seguindo a filosofia de *open area*, a área aberta iniciou-se pela estrutura de dupla ábside, mas entretanto já colocou à vista o espaço exterior à entrada da sala, composto por um largo peristilo que delimitava

<sup>5</sup> O caso da cascata na *villa Leontina* que Sidonio Apolinar descreve em *Carmina* XXII 206-210.



Figura 3 – Ortofotomapa no final da campanha de 2019 obtida por voo drone, autoria Geodrone (www. Geodrone.pt).

um jardim, bem como um outro peristilo anexo, em torno de um *impluvium*, e que parece configurar uma área mais intimista, com *cubiculae* em seu torno. Contudo, em 2018, no âmbito do *Fronteira Landscape Project*, em colaboração com a Universidade de Leiden, houve a possibilidade de se realizarem prospecções de georadar na envolvente da *villa* e os resultados foram surpreendentes<sup>6</sup>. A sala de dupla ábside encontra-se em posição periférica face a uma estrutura com cerca de dois hectares que apresenta uma planimetria centrada em torno a dois pátios: um primeiro, de menores dimensões, que pode albergar a *pars rustica*, antecedendo um outro de dimensões mais substanciais. Destaca-se a ala norte, com grandes dependências que, em certos casos, parecem quadruplicar a sala de dupla ábside, e que também apresentam estruturas absidadas de ampla dimensão. Entre esta ala e a do *stibadium* encontra-se um edifício com vários compartimentos de pequena dimensão em sucessão contínua, e um outro

<sup>6</sup> Colaboração entre a Universidade de Évora e a Faculty of Archaeology da Leiden University, financiada pela Prins Bernhard Culture Foundation, e concretizada em duas edições (01/2018 e 03/2019). Os trabalhos foram desenvolvidos por uma equipa da Universidad de Cadiz-UCA GPR service, sob a direcção de Lázaro Lagostena Barrios, utilizando uma antena Stream- X 200 mHz. Os primeiros resultados foram divulgados em CARNEIRO, GARCÍA, SÁNCHEZ, STEK E KALKIERS 2019.

bloco que pode corresponder ao edifício termal. Em leitura geral, a estrutura de duplo pátio insere a Horta da Torre na família das grandes *villae* da Hispânia, embora as soluções da sala de dupla ábside denotem um requinte e uma elaboração do espaço com referentes extra-provinciais. Contudo, de momento, a área escavada assume dimensões modestas, com menos de 1000m<sup>2</sup>, articulada em torno da sala do *stibadium* e estendendo-se para os dois peristilos. (Figura 3)

### 3. DES-CONSTRUINDO: O ABANDONO DA VILLA DA HORTA DA TORRE E A POSTERIOR REOCUPAÇÃO

Em algum momento ao longo do século V este monumental complexo irá ser abandonado. O reportório cerâmico da *villa* apresenta indicadores que permitem pensar em abastecimentos até inícios do século V<sup>7</sup>, mas a vivência no local não se irá prolongar por muito

<sup>7</sup> Entre as tipologias cerâmicas registadas, refiram-se como morfotipos mais habituais as formas Hayes 50, Hayes 61, Hayes 58 e 67 e Hayes 59, sendo de notar que estes materiais provêm esmagadoramente de prospecções de superfície. Outros materiais cerâmicos, como as ânforas e *terra sigillata* hispânica tardia, que foram parcialmente publicados, são concordantes com os parâmetros cronológicos indicados.



mais tempo. Possivelmente no final da centúria inicia-se um processo de abandono planeado: não só não existem quaisquer indicadores que apontem para destruições ou incêndios, como o facto de praticamente não existirem materiais esquecidos em níveis de abandono indica-nos que ocorreu um processo organizado de retirada do local.

O abandono da *villa*, contudo, não é definitivo. Em intervalo não superior ao espaço de uma geração – ou seja, em 25 anos, nos meados ou finais – verificam-se indicadores de presença humana, de uma forma consistente, variada e estendendo-se a todas as áreas intervencionadas até ao momento. Para que se possam avaliar os indicadores que o processo de escavação e registo recuperou, analise-se de modo detalhado e por áreas sectoriais os sinais de presença humana durante esta fase.

### 3.1. O interior da sala de dupla ábside

Os cerca de 100m<sup>2</sup> da sala de dupla ábside coroada pelo *stibadium* encontravam-se preenchidos por uma espessa camada de derrube (UE22) correspondendo ao colapso das paredes. Quando em 2012 se iniciou a

escavação, a descoberta (a cerca de 30cm de profundidade) de uma camada repleta de argamassas e bocados de mosaico revirados e fragmentados, por vezes pulverizados (UE 22), augurava um péssimo estado de conservação para os elementos estruturais. Todavia, o decorrer da escavação veio a revelar que estes mosaicos não se encontravam, afinal, no pavimento, mas faziam parte do programa decorativo das paredes, tendo colapsado juntamente com os enormes blocos de pedra e argamassa, criando uma camada universal em todo o espaço da sala que apresentava considerável potência (em média, 40cm de altura).

Sobre o nível de pavimento encontrava-se uma camada residual que indicava um momento que precede o definitivo colapso das paredes, na qual escassos materiais foram recolhidos, embora com alguns elementos osteológicos relevantes [UE33]. O elemento mais significativo, contudo, está marcado no próprio pavimento de *opus signinum*: um conjunto de perfurações de planta redonda evidenciam o uso de materiais lígneos, ou postes em madeira, para construção de uma estrutura de abrigo temporário (Figura 4). Embora em termos tipológicos não corresponda ao conceito, temos o



Figura 4 – Ortofotomapa no final da campanha de 2019 com indicação dos alinhamentos de buraco de poste na sala do *stibadium* (sobre imagem obtida pela Geodrone).

equivalente a uma *longhouse*, uma forma de arquitetura vulgar nos territórios peninsulares durante este período, mas raramente documentada em Portugal. Outro sugestivo testemunho identificado reside no facto de na UE33 terem sido recolhidos ossos de cavalo (Valente e Carneiro, 2015), indicando que pessoas e animais partilhavam a ocupação deste espaço abandonado que ainda permanecia com as paredes em bom estado, uma vez que o colapso da UE22 sepulta estes indicadores. No interior da sala outra evidência negativa existe: todas as placas de mármore que forravam o rodapé das paredes, bem como marcavam o pequeno desnível existente entre o espaço do *stibadium* e a sala, serão arrancados, tendo apenas sobrevivido os fragmentos de mármore protegidos pelos rebordos do *opus signinum*. A utilização das placas para a obtenção de cal terá sido o motivo para o seu arrancamento (Figura 5).

### 3.2. O pequeno peristilo

Enquanto a sala de dupla ábside ainda se encontrava com os alçados em bom estado, o processo de ruína já havia começado no espaço do peristilo lateral. Todo o *impluvium* se encontrava integralmente preenchido por uma camada de ímbrices (UE72), correspondente ao telhado dos corredores do peristilo que, em processo de derrube normal, deveria ter caído sobre as alas de circulação. Esta densa camada de telhas foi atirada para o tanque, de modo a preenchê-lo por completo mas, em dado ponto, foi encontrado um orifício que perfurou todo o derrube e, inclusivamente, o próprio *opus signinum* do tanque<sup>8</sup> (Figura 6). Outros orifícios foram identificados nesta zona, embora com marcas menos evidentes, definindo o contorno do que parece ser uma zona de contenção de animais. Esta hipótese surge na sequência da identificação de uma camada sobre a ala Este do peristilo, na qual numerosos ossos foram encontrados, incluindo mandíbulas (UE16) (Figura 7). Nesta unidade também se encontraram elementos importantes para a análise das estratégias de subsistência económica de quem ocupou este espaço. Assim, entre os materiais cerâmicos, destaca-se a presença de numerosos fragmentos pertencentes a um *dolium* de fabrico grosseiro. Da mesma forma, sobre o pavimento do peristilo foi também encontrado um fragmento de movente em granito. No canto nordeste, junto a uma escada de comunicação com o peristilo



Figura 5 – Fotografia do alçado do muro norte na sala do *stibadium* com evidência de arrancamento das placas de mármore do revestimento.

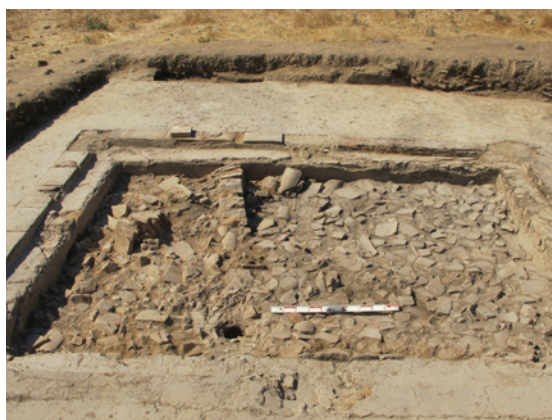


Figura 6 – Enchimento do *impluvium* do peristilo pequeno [UE72] com orifício de buraco de poste em primeiro plano.



Figura 7 – Camada de derrube sobre pavimento (UE16) com numerosos indicadores de restos de consumo (em primeiro plano, uma mandíbula de ovino).

<sup>8</sup> Sobre este pavimento foram recolhidas duas moedas que apontam para datações de finais do século III ou inícios do IV, e no nível topográfico mais acima, junto ao rebordo Oeste do pavimento, foi recolhida outra moeda idêntica.

principal, foi despejada uma grande quantidade de resíduos que incluía ossos cortados, envoltos em sedimento escuro que continha também fragmentos de cerâmica, com técnicas de fabrico e de depuração de pastas extremamente rudimentares. Esta UE68 era composta por um sedimento tão escuro que inclusivamente enegreceu as pinturas que revestem os muros de canto deste peristilo.

### 3.3. Cubículo lateral Este do pequeno peristilo

Neste espaço foi parcialmente escavado um *cubiculum* na ala Este. No seu interior, temos um revestimento em *opus signinum* que encosta a paredes revestidas com pinturas murais embora, nesta área, o grau de arrasamento motivado pelos trabalhos agrícolas e por uma fraca potência de solo não permita uma leitura clara.

Precisamente no centro deste pequeno compartimento encontra-se uma larga perfuração com cerca de 40cm de diâmetro que corresponde à inserção de um poste. Pela implantação no compartimento e pelas dimensões, é legítimo pensar que foi aqui colocado um elemento vertical em madeira que sustentasse um telhado que poderia já apresentar sinais de ruptura estrutural. Desta forma, procurava-se conseguir prolongar um pouco mais – embora de maneira precária – o uso do espaço. A escavação do interior deste compartimento não trouxe dados significativos do ponto de vista da cultura material, mas permitiu identificar um elemento de enorme relevância: trata-se de uma base de coluna em fino mármore de Estremoz, delicadamente trabalhado, e sem paralelo em nenhum outro elemento ornamental identificado até ao momento (as bases de coluna do peristilo grande são em granito). O dado mais relevante, contudo, residiu no modo como se encontrava colocada: a base de coluna estava em posição invertida, ou seja, com o plinto de base voltado para cima, possibilitando a sua utilização como assento. A sua implantação também não é casual: encostada à parede Este a meio do compartimento, alinhada de modo perfeito com a entrada deste, permite também um domínio visual sobre toda a ala sul do peristilo pequeno.

### 3.4. O grande peristilo e a entrada da sala do *stibadium*

A entrada da grande sala de dupla ábside está antecida por um peristilo largo, delimitado em todo o perímetro por um murete com bases de coluna a cada canto. Novamente encontramos a presença da água, visto que o espaço é definido por um canal de circulação, que apresenta formato em exedra nos eixos

visuais de entrada da sala. Por este motivo, também este espaço apresenta pavimentos em *opus signinum*. Quanto ao interior do peristilo, parece ter servido como espaço de jardim, visto que não se encontram indicadores estruturais.

O sedimento que preenche integralmente este espaço (UE108) é de tonalidade escura e apresenta uma grande heterogeneidade, correspondendo a uma nova camada de despejos. Nesta encontraram-se alguns fragmentos de cerâmica comum tardia, com grandes bordos de lábio voltado para o exterior e com abundantes marcas de fogo, que são característicos deste momento final de ocupação, pois alguns exemplares têm sido recolhidos em unidades situadas nos espaços anteriormente referidos. É possível que, após o final de utilização deste espaço na fase imperial, este jardim inserido em ambiente ricamente decorado tivesse sido utilizado como mero espaço de despejo de lixos e restos de comida.

## 4. ANALISANDO: OS PROCESSOS DE PRESENÇA PÓS-IMPERIAL EM HORTA DA TORRE

Reunindo todos os dados, alguns feixes de leitura devem ser realçados.

Em primeiro lugar, parece evidente que quem ocupa a *villa* da Horta da Torre o faz após um breve espaço de tempo em relação ao prévio abandono do local. Ou seja, as estruturas são reocupadas enquanto ainda estão de pé, mas com sinais de pré-colapso ou em quebra pontual.

Embora não existam dados sobre o processo de cobertura da sala de dupla ábside, onde se encontra o *stibadium*, este parece ser o único espaço onde não se regista qualquer sinal de degradação prévio à chegada de quem se instala. Ou seja, a cabana é construída no centro de uma sala abandonada, mas ainda em bom estado de conservação. No caso do pequeno peristilo, esse abandono ocorre após um considerável intervalo de tempo, tendo já a cobertura ruído, pelo menos em parte do peristilo (visto que na ala noroeste o derrube ainda se preservou até ao momento de escavação). No caso do pequeno compartimento lateral, procedeu-se ao reforço do telhado, o que indica que existiria já algum tempo decorrido entre o abandono do local e a sua reocupação, com um telhado ameaçando colapso.

Desta forma, podemos estimar um tempo de intervalo não inferior a uma geração – ou seja, entre 25 e 50 anos decorridos entre o abandono em fase imperial e esta reocupação precária. Se a *villa* é abandonada em inícios do século V, conforme proposto, então teremos

uma fase de ocupação em torno a meados/finais do V. Para consolidar esta proposta, note-se que o quadro material que caracteriza esta reocupação não tem nada a ver com o proposto para um sítio arqueológico próximo, a Casa da Medusa em *Abelterium* (Quaresma e António, 2017): enquanto este “pacote” artefactual tem nexos de ligação ao momento anterior, no caso da Horta da Torre a seriação dos materiais demonstra uma quebra com os paradigmas do mundo romano, em sistema autárquico de mera subsistência.

É importante notar que esta reocupação também não parece ter tido uma duração prolongada. Não existe qualquer indicador que mostre que a comunidade que se instala na *villa* abandonada permanece durante muito tempo. Trata-se, verdadeiramente, de um processo de ocupação *squatter*, ou seja, temporário. Os indicadores económicos e de subsistência são precários, não mostrando qualquer pretensão de instalação duradoura. Guardam-se animais no peristilo pequeno, procede-se à depredação das placas de mármore da sala do *stibadium* e reutilizam-se materiais como a base de coluna e mós: todos estes fenómenos podem ser entendidos em perspectiva meramente utilitária e imediata. Tudo parece ser precário, desde a instalação da cabana ao reforço de telhados evitando o seu colapso, ou o arremesso das telhas para o interior do *impluvium* abandonado para facilitar a circulação. Não se detectam remendos ou a tentativa de colocar espaços ou materiais a funcionar, apenas a tentativa de prolongar as possibilidades de uso de algumas áreas. Da mesma forma, toda a percepção do espaço construído pré-existente é também meramente utilitária, não havendo qualquer tipo de investimento nem concessão ao conforto. Trata-se apenas de utilizar os espaços como abrigos e zonas de despejos, sem qualquer investimento. É provável que os espaços fossem utilizados até colapsarem, ou abandonados antes.

A cultura material é precária, com cerâmicas que apresentam características técnicas grosseiras. Os elementos recolhidos encontram-se expressivamente fragmentados, dado o contexto de despejo ou de lixeira. São habituais as formas alongadas de perfil em S, com evidentes marcas de combustão e de intensa utilização em contexto culinário. As peças apresentam-se com fabricos grosseiros, constituídos por pastas pouco compactas e depuradas, com matrizes graníticas e elementos não plásticos bem evidentes. As superfícies foram sumariamente tratadas, com cozeduras redutoras a baixa temperatura, deixando assim peças com uma evidente semelhança aos protótipos proto-históricos comuns na região. Não sendo este o local indicado

para discutir as características técnicas dos elementos cerâmicos encontrados, não deixa de ser necessário notar que existem semelhanças com os materiais recolhidos em povoados sensivelmente contemporâneos (VI/VII) na zona da Serra de S. Mamede (Prata, 2017), embora em contexto fisiográfico bem distinto, pois trata-se de uma paisagem de serra que propicia a implantação em *povoados escondidos* (Carneiro, 2016). No restante, estes materiais cerâmicos inserem-se na pauta conhecida para outras regiões peninsulares em fase pós-imperial (vejam-se por exemplo as TL1 em Vigil-Escalera Guirado, 2006: 732-733), antes das mudanças em tipologias e decorações que o século VII trará, assim denunciando estratégias comuns, mais do que redes de troca ou de interação que parecem difíceis de rastrear.

Da mesma forma, o perfil de consumo de animais centra-se em espécies ovi-caprinas, denunciando uma economia de tipo pastoril: as percentagens de *Ovis* e *Capra* sobem consideravelmente neste período (UE16 com 38,5%), por contraste com o verificado em fase imperial, baixando as frequências de bovinos e suínos. Note-se que uma expressiva quantidade de ossos recolhidos na UE16 apresentam evidências de carbonização, bem como marcas de terem sido cortados ou de terem sido roídos (Valente e Carneiro, 2015), o que é coincidente com os contextos de despejo aleatório (ou seja, não concentrados em lixeira) que a escavação documenta. Nesta perspectiva, é evidente a associação entre os ossos com marcas de consumo e os registos cerâmicos encontrados, maioritariamente constituídos por painéis largas com abundantes marcas de combustão, o que demonstra os padrões de consumo alimentar no local, sobretudo à base de estufados e guisados.

Neste sentido, importa fazer notar que, até ao momento, não existe qualquer elemento identitário que permita conhecer quem (re)ocupou a *villa* da Horta da Torre. A cultura material é pobre, constituída pelos elementos atrás descritos, que não permitem caracterizar as pessoas que viveram naquele espaço. Evitem-se, por isso, os qualificativos de cariz étnico que são por vezes apressadamente utilizados sem critério.

Registe-se também que, até ao momento, não existe qualquer indicador que aponte para uma presença cristã ou uma cristianização do local, visto que não há elementos estruturais ou artefactuais que documentem esta presença. Esta é também a única *villa* da área envolvente que, no decurso do processo de organização do território entre as diversas ordens religiosas e militares que ocorre durante o século XIV/XV, não assis-

te à construção de um templo cristão que se sobrepõe ou se ergue na envolvente das estruturas romanas. Esta dupla lacuna - seja de uma *marca cristã* na ocupação antiga ou de uma *remarcação cristã* na estruturação do território em época medieval – é significativa e relevante, não só porque anómala em relação ao quadro regional (Carneiro, 2014: I 268-275), mas porque a acção da Igreja enquanto agente organizador do território e “administrador patrimonial” (Díaz, 1994: 307) é determinante para os nexos de estabilidade durante este período. A ausência (até ao momento) mostra, portanto, um vazio de controlo sobre o sítio, seja por acção de elites cristianizadas, seja pela Igreja.

## 5. ENQUADRANDO: A DESESTRUTURAÇÃO DA PAISAGEM IMPERIAL E AS MUDANÇAS NA PRESENÇA HUMANA NOS SÍTIOS

### 5.1. Comportamentos

O aparecimento de estruturas líneas ou efémeras na *Hispania*, a partir do século V, é um fenómeno que se tem tornado conhecido, com exemplos multiplicados nos últimos anos graças a novos protocolos de escavação mais atentos e interessados na detecção das *evidências ténues*. Em outras regiões do Império estas realidades eram conhecidas de há muito, com paradigmáticos exemplos em casos da *Britannia* (Hammerow, 2004), das Gálias (Peytreman, 2012) e na península itálica (Valenti, 2004) – apesar dos constrangimentos que a “arqueologia de contrato” aqui enfrenta, com curiosos paralelos com a situação portuguesa – elencando apenas os mais significativos exemplos e as publicações que apresentam casos de estudo nas regiões intra-império (visto nos territórios para lá do *limes* a problemática é mais complexa).

Para o caso hispano, a década de 90 permitiu um conjunto de intervenções diferenciadoras, quer pela escala territorial, que possibilitou a detecção e escavação de sítios fora do “padrão-villa” e com estruturas dispersas que atingem as dezenas de hectares (entre outros títulos do autor, ver Vigil-Escalera Guirado, 2009), quer sobretudo, pelo modo como se começou a conceptualizar as problemáticas de uma forma totalmente distinta do que até então ocorria. O fluxo de dados permitiu que se passasse para um outro nível de interpretação, ultrapassando o já esgotado debate que recorre a qualificativos generalistas como “crises”, “decadências” ou “continuidades”, para procurar perceber o modo dinâmico como as sociedades rurais se adaptaram a novos quadros de vida. Assim, estas estruturas deixaram de ser vistas como meros

albergues de “sociedades simples, pobres e itinerantes” (Quirós Castillo, 2017: 2) para se procurar perceber, de facto, como reflectem estratégias interventivas e transformadoras. Com arqueólogos mais sensíveis à detecção e análise das estruturas de *evidências ténues* também se tem conseguido caracterizar melhor a extraordinária versatilidade dos sistemas construtivos, que vão das *Longhouses* que parecem emular arquétipos áulicos onde residem elites que centralizam o poder, às *Grubenhauser* que demonstram conceitos elaborados e complexos na organização do espaço intra- e inter-doméstico, até às estruturas simples de buracos de poste com variadas planimetrias, terminando nos sistemas “rebaixados” ou “afundados”, uma pobre tradução dos *Sunken-Feature Buildings* (SFB, ou EFR na terminologia espanhola) identificados em variados territórios (para uma sistematização e aplicação conceptual dos polimorfismos, ver Tejerizo García, 2015, 256-274). Esta variedade forçou o abandono do preconceito étnico que ligava estes modelos de planificação e organização do espaço à instalação de contingentes germânicos, algo que a investigação arqueológica não confirma e que a diversidade de modelos arquitectónicos contradiz.

O impacto desta nova forma de olhar para as evidências e colocar novas problemáticas faz-se sentir em muitos âmbitos, mas aquele que me parece passível de destaque é básico: um novo olhar sobre as pessoas.

Desde logo, as pessoas de hoje: novas formas de trabalhar, com redes colaborativas de perfil interdisciplinar (a título de exemplo, vejam-se os contributos em Quirós Castillo, 2019), e a formação académico-científica de novas gerações com paradigmas de trabalho que se traduzem na capacidade de pensar e questionar para além dos postulados tradicionais.

Mas sobretudo, o que os avanços recentes permitiram trazer à luz será a notável capacidade resiliente e adaptativa de comunidades que têm sido geralmente ignoradas pela investigação: o campesinato que povoa a paisagem rural. Se em época imperial muito pouco sabemos sobre as forças de trabalho e a *classe média* que procede à dinamização das redes de povoamento, para o momento seguinte o olhar dirigido também era quase inexistente, visto que no quadro tradicional de investigação predominava a identificação dos *invasores bárbaros* e dos agentes tradicionais, como as elites fundiárias e os decisores da Igreja.

Olhando de novo para o caso de Horta da Torre, duas realidades se unem: o prévio abandono planeado do espaço arquitectónico, seguindo modelos bem definidos para outras áreas regionais (Valenti, 2004:

47ss), e a subsequente reocupação por parte de agentes transformadores desse mesmo espaço, o que demonstra as mudanças nas fórmulas de poder, representação social e alterações de estratégias económicas decorrentes do final de um modelo de gestão que podemos considerar como “imperial”. Se nada sabemos sobre a identidade destes agentes – quem foram estas pessoas? –, também nada nos impede de pensar na sequência de um processo dinâmico normal, motivado por mecanismos internos às comunidades da região e incrementado por um vazio de poder.

Assim, e ao contrário do que sucede na grande maioria dos casos, em Horta da Torre temos a construção de um abrigo perecível *no interior* de uma construção áulica abandonada. Ou seja, não temos uma fundação *ex novo* que resulte do estabelecimento de comunidades no seguimento da reorientação das estratégias de subsistência – vejam-se os casos de Soida e São Gens, por exemplo, que Catarina Tente tem escavado na Beira interior (entre várias referências possíveis, remeto para o artigo de síntese de Tente, 2012). Em Horta da Torre, de forma distinta, temos uma residência que previamente foi abandonada de modo planeado e sistemático, daí resultando um espaço livre com plenas potencialidades para ser ocupado e utilizado.

O processo subsequente mostra como quem ocupa a sala do *stibadium* tem preocupações meramente pragmáticas e utilitárias, sem atender a outros critérios. Desde logo, a concepção do espaço construído no interior do previamente existente: a organização dos buracos de poste no pavimento da sala permite pensar que a estrutura teria uma organização sub-retangular, aproximando-se mais dos modelos de “planta em barca”, o que implica uma perda dos conceitos clássicos da ortogonalidade e dos módulos regulares de segmentação dos espaços que não é frequente na *Hispania* até fases plenomedievais (por exemplo, Tejerizo García 2015: 259). Note-se que nas construções dos *povoados fluviais* e *povoados escondidos* no Alto Alentejo os módulos habitacionais se organizam de forma ortogonal (Carneiro, 2016: 289-291), no decurso da tradição anterior.

Esta distinta forma de concepção do espaço encontra paralelo em outro tipo de comportamentos.

Em Horta da Torre, o mencionado achado de ossos de *Equus caballus* no interior da sala confirma uma das características típicas das *longhouse*, que consiste na coexistência de animais e de pessoas sob um mesmo texto, estando os primeiros em zona reservada num dos extremos (Quirós Castillo, 2017: 5 com bi-

bliografia), embora as variantes conhecidas de *casa-estábulo* sejam muitas, quer por motivos regionais, quer pela diacronia. A este título, lembre-se que, na região alentejana, existiam situações de coabitação entre pessoas e cavalos ou animais de transporte (burros e mulas) até décadas recentes, com construções específicas para este efeito. Todavia, recorde que o emprego do termo *longhouse* para o exemplo de arquitectura lígnea na sala do *stibadium* da Horta da Torre peca por excesso, uma vez que o registo de ocupação aqui registado é modesto em dimensões e investimento construtivo, além de precário no tempo: trata-se de um abrigo que funcionou em regime curto, em verdadeiro modelo *squatter*. Da mesma forma, o uso deste termo configura duas realidades que não se cumprem: o termo implica um marcador de relevante complexidade social, com a presença de elites e de uma comunidade em volta; e, consequência da anterior, um modelo de povoamento com habitações secundárias em torno da *longhouse* principal. Até ao momento, na escala da intervenção conduzida no sítio em estudo, nenhum destes elementos foi registado, o que também se explica pela anterioridade da presença (ou seja, a Horta da Torre regista um momento precoce em relação aos modelos conhecidos que evoluem a partir do século VII). Finalmente, é ainda importante notar que a construção no interior da sala do *stibadium* foi totalmente feita em materiais perecíveis e efémeros, não deixando por isso rasto para além dos buracos de poste, e não implicando a reutilização de materiais, nem sequer nas telhas de cobertura, o que implica um efectivo corte com tradições anteriores (Tejerizo García, 2015: 262). Neste feixe de raciocínio, e tal como já foi referido, a espoliação das placas de mármore nos rodapés da sala destina-se à sua transformação para obter cal, não se verificando qualquer tipo de reutilização ou *spolia*.

## 5.2. Arquitecturas: a (re)ocupação dos espaços

A construção em materiais efémeros ou lígneos é um fenómeno recorrente na *Hispania* a partir do século V, como mencionado anteriormente. Menos frequente é a construção no interior de estruturas previamente habitadas, o que, como também foi mencionado, implica uma radical alteração nos modos como se entende e percepção desses mesmos espaços – um corte epistemológico, por assim dizer. Refira-se que, no âmbito do conjunto de transformações que as *villae* atravessam na sua última fase de presença humana – necropolização, reconversão em espaço de produção, construção de edifício cristão e *squatterização*

– este será o processo menos frequente na *Hispania* em termos numéricos. Nos processos de ocupação pós-abandono podemos isolar duas situações: a ocorrência de construções de pedra seca sobre estruturas anteriores e a construção de abrigos em materiais lígneos em estruturas pré-existentes, que, por sua vez, é

também a menos frequente (ver síntese em Chavarría Arnau, 2005).

Façamos uma sintética listagem dos casos conhecidos, lembrando que só foram consideradas construções *no interior* de espaços habitacionais da *pars urbana* (a partir de Chavarría Arnau, 2007):

<b>Villa</b>	<b>Província</b>	<b>Estrutura</b>	<b>Ambiente</b>	<b>Cronologia</b>	<b>Referência principal</b>
Vilauba (Girona)	Tarraconense	Estrutura de 6,25m x 3 com planta rectangular	Sala no sector central do edifício	VI-VII (TSCD, placa liriiforme, arreio de cavalo em bronze	CASTANYER e TREMOLEDA 1999: 156-157
Tinto Juan de la Cruz (Pinto, Madrid)	Tarraconense	Não surge descrita, mas na fig. 21 vêem-se quatro buracos de poste de formato sub-rectangular junto a um silo.	Recinto III (Sala ampla com pavimento de <i>opus signinum</i> )	Finais do séc. V/ inícios do VI com espólio que inclui armas e TSHT	BARROSO <i>et alli</i> 2001
El Val (Alcalá y Henares, Madrid)	Tarraconense	Estrutura rectangular de 14x9m	Na sala principal, perfurando o mosaico do “auriga vitorioso”	Finais do V (TSCD)	RASCÓN MARQUÉS, MÉNDEZ MADARIAGA, DÍAZ DEL RIO, 1991
El Salar (Granada)	Betica	Não descrita, apenas mencionando “agujeros de poste”	<i>Ambulacrum</i> (mas nas fotografias (2014: l. 5) também existem no <i>triclínium</i> )	Séculos IV-V <sup>2</sup>	GONZÁLEZ MARTÍN 2016: 323
Morosanto (Ronda, Málaga)	Betica	Buracos de poste em torno de um pilar central (a área escavada foi reduzida por se tratar de uma sondagem e não se descreve a planta)	<i>Natatio</i> integrada na <i>pars urbana</i>	Enchimento a partir de 2ª metade séc. V (Hayes 51 e 53b); ocupação posterior	CASTAÑO AGUILAR 2016
Milreu (Estói, Faro)	Lusitania	Buracos de poste perfurando um pavimento em mosaico	Compartimentos em sala anexa à área principiapl	Não há descrição	TEICHNER 2008

<sup>2</sup> Proposta apresentada sem elementos datantes, pelo que a cronologia parece merecer revisão. A hipótese de séc. VI apresentada em GONZÁLEZ MARÍN 2014: 182 é mais realista.

Apesar da diversidade de situações registadas, existem alguns nexos de ligação. Por exemplo, em todos os casos os autores concordam na presença de uma ocupação temporária, pelo que o termo *squatter* (ou, na versão espanhola, “ocupas”) está justificado pelo cariz precário da presença. Ou seja, no critério de pesquisa seleccionado, na qual se incluíram apenas construções lígneas, as cabanas são a derradeira forma de presença humana.

Note-se também a geografia do processo, que não está vinculado a áreas regionais concretas, mas dissemina-se pelas três províncias (ao qual haveria a

incluir outras formas de presença precária não consideradas), com uma expressiva representação bética, o que parece afastar a vinculação étnica que geralmente é atribuída a este processo, nomeadamente as “correias bárbaras”.

Todavia, há a considerar o inerente processo de “des-monumentalização”, ou seja, todas as presenças estão associadas a uma processo de pilhagem das construções que servem de instalação. Não há intenções de reparação ou recolocação, mas de subtracção do existente. Em certas situações, como alguns casos na Gália e, de forma evidente, em El Val, há um desin-

teresse ostensivo pelo existente, com a perfuração do pavimento em mosaico da sala. Faço ainda notar que em todas estas situações parecem ocorrer fenómenos não-organizados, funcionando a uma escala grupal: retira-se o que se pode retirar (o exemplo das placas de mármore na parede Norte da sala do *stibadium* em Horta da Torre é significativo), sem que exista evidência de maquinaria e de gestão organizada de processo como sucede nos aglomerados urbanos (onde guindastes são utilizados). A ruína é um espaço activo de presença humana, mas o entendimento do espaço por parte de quem a procura alterou-se dramaticamente face ao período anterior.

### 5.3. A desestruturação da paisagem imperial

Um dos mais disruptivos textos do início do novo milénio questionava o que tinha sucedido às habitações das elites rurais entre o século V e o VI (Lewit, 2003). Assim, de um modo assertivo, Tamara Lewit quebrava um antigo postulado que via as continuidades entre *villae* e vilas medievais, ou as pretensas ligações entre estes antigos sítios romanos e as aldeias que surgiam da progressiva “proletarização” (usando um vocábulo de teor marxista) ou “feudalização” dos campos. Nesta leitura tradicional dava-se assim continuidade a um outro postulado, derivado dos *topoi* literários e historiográficos, que via no Baixo Império o momento de “fuga das cidades”, com as elites refugiando-se no bucolismo da paisagem rural onde melhor podiam gerir as suas redes de influência – uma leitura que via na monumentalização das *villae* no século III/IV um sintoma dessa mesma “fuga”, mas que cada vez mais vai sendo questionada e problematizada, embora não seja este o local para discutir este assunto.

Afinal, o que a realidade arqueológica crescentemente demonstra é a diversidade de situações que contradita um modelo evolucionista linear “da *villa* à vila”. Lewit demonstrava a pluralidade de situações (para o caso hispânico, ver Chavarría Arnau, 2007) que inviabilizava essa leitura de continuidade demonstrando, inclusivamente, uma “segunda revolução cultural” (2003: 271) e que afectavam tanto o mundo urbano como o rural. Nesse sentido, um olhar mais atento para a diversidade regional do Alto Alentejo permite perceber como neste território também se verificam substanciais alterações intra- e inter-sítios (Carneiro, 2014: vol. I, cap. 10). Não havendo espaço para uma reflexão mais profunda e abrangente, registe-se que uma das chaves de leitura para o que se passa em Horta da Torre pode ser encontrado na *villa* vizinha: o caso de Torre de Palma (na ausência de um estudo que dê a conhecer

as numerosas campanhas arqueológicas conduzidas por diferentes protagonistas, veja-se Lancha e André, 2000). De facto, enquanto no sítio monfortense temos uma dinâmica de crescimento, que inclusivamente leva a crer que o século V constitui um momento de *floruit* na capacidade produtiva e económica (ampliações na basílica, lagar e adega, seguindo os autores citados), em Horta da Torre, a curta distância, temos o fenómeno inverso, com o início do processo de abandono. A forma como dois sítios vizinhos conhecem tão antagónicos processos merece algumas tentativas de explicação.

Dois feixes de processos merecem atenção. O primeiro reside no fenómeno conhecido como *massae fundorum*, segundo o qual, a partir do século IV, se intensifica um fenómeno de concentração de propriedades rurais sob a égide de um mesmo proprietário, assistindo-se ao desaparecimento da *classe média* que povoava os campos, habitando em casais agrícolas e, em segunda fase, à integração de vários *fundi* de *villae* em domínios de maiores dimensões. Este processo, que está bem evidente em todo o sudoeste peninsular, tem paralelo em outras áreas regionais, onde os mecanismos de mudança são similares (ver, por exemplo, para a *Bética* García Vargas e Vázquez Paz, 2013). Note-se que a Igreja é um activo protagonista neste processo, assumindo de várias formas a posse de terras, tornando-se um “multiproprietário” (entre outros, o incontornável Jones, 1973).

O segundo processo, paralelo e em certo aspecto causa/consequência do anterior, reside na progressiva implementação de uma prática agrícola menos intensiva e especializada do que ocorria em época anterior, seja pela perda do domínio de técnicas e do “saber-fazer” próprio de época imperial, seja pela maior disponibilidade de uma mão de obra indiferenciada (sobretudo Wickham, 2005). Surge uma economia rural que poderíamos designar de “banda larga” e/ou baseada no agro-pastoralismo extensivo. Neste caso, o Alto Alentejo assume-se como um importante laboratório de análise, visto que estas duas realidades estão bem presentes. O fenómeno de “pastoralismo” em Horta da Torre (evidente nos registos osteológicos) é compaginável com as estratégias de economias de largo espectro dos *povoados fluviais* e *povoados escondidos* que se manifestam nesta área regional – embora, note-se, em *sub-áreas* com oportunidades económicas específicas – e que traduzem estratégias autárquicas de subsistência aproveitando recursos flexíveis, diversificados e mistos (pastorícia e agricultura não-especializada) com elevados índices de mobilidade e relações fluidas com o território.



Este mecanismo de mudança na organização económica destas comunidades avança em paralelo com outras alterações no quotidiano, nomeadamente nos sentimentos religiosos e nas relações de sociabilidade. Neste âmbito, parece tornar-se cada vez mais claro o modo como as elites civis dos *possessores* vão dando passo a figuras próximas destas pequenas populações, assumindo o papel de *vir honestus* que a epigrafia da época nos demonstra (Carneiro, 2014: v. I, p. 262-274). A basculação de valores, dos “homens fortes” para a autoridade religiosa e a *tumulatio ad sanctus*, está em marcha, conferindo uma configuração social completamente distinta aos campos lusitanos.

## 6. DISCUSSÃO FINAL

Em toda esta argumentação a tónica é colocada nos processos internos das comunidades rurais ao longo dos séculos V e VI. Seria mais cómodo propor “invasões” ou chegadas de novas populações, mas no caso da Horta da Torre, nada autoriza (por enquanto) este tipo de argumentação. Parece claro que a explicação deve ser alicerçada nos protagonistas esquecidos do quotidiano rural na *Lusitania*, que uma investigação mais atenta tem permitido trazer à luz da investigação: o campesinato.

Da mesma forma, o exemplo da Horta da Torre mostra como uma metodologia de trabalho sistemática e super-intensiva pode trazer resultados insuspeitos para a investigação e análise, nomeadamente através da detecção das *evidências ténues* tanto tempo ausentes do protocolo de registo. Exige-se cada vez mais a atenção aos processos de trabalho, mas sobretudo, uma flexibilidade interpretativa que permita integrar protagonistas durante tanto tempo ignorados pela investigação.

## BIBLIOGRAFIA

ALLISON, Penelo M. (2001) – Using the material and written sources: turn of the millennium approaches to Roman domestic space’, *American Journal of Archaeology* 105 (2), pp. 181-208.

BARROSO, Rafael *et alii* (2001) – Los yacimientos de Tinto Juan de la Cruz (Pinto, Madrid). Observaciones en torno al problema de las ‘necrópolis del Duero’ y el asentamiento visigodo en la Península Ibérica. *Estudios de Prehistoria y Arqueología Madrileña* 11, pp. 129-204.

BROGIOLO, Gian Pietro; CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra (2005) – *Aristocrazie e campagne nell’Occidente da Costantino a Carlo Magno*. Firenze, All’Insegna del Giglio.

CARNEIRO, André (2005) – *Carta arqueológica do concelho de Fronteira*. Câmara Municipal de Fronteira, /Edições Colibri.

CARNEIRO, André (2014) – *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, *Humanitas Supplementum* nº 30.

CARNEIRO, André (2016) – Mudança e continuidade no povoamento rural no alto Alentejo durante a Antiguidade Tardia. Encarnação, José; Lopes, M. Conceição; Carvalho, Pedro C. (coord), *A Lusitânia entre romanos e bárbaros. VIII Mesa-redonda Internacional de Lusitania*, FLUC, Coimbra-Mangualde, pp. 281-307.

CARNEIRO, André (2017) – O final das *villae* na Lusitânia romana. O exemplo da Horta da Torre (Fronteira). *URBS REGIA* 2, pp. 56-59.

CARNEIRO, André, GARCIA SÁNCHEZ, Jesus, STEK, Tesse D. e KALKIERS, Roger (2019) – Primeiros resultados do *Fronteira Landscape Project*: a Arqueologia da paisagem romana no Alto Alentejo. *Al-Madan online* 11ª Série 22 (tomo 3), pp. 46-54.

CASTAÑO AGUILAR, José M. (2016) – Morosanto in *Las villas romanas de la Betica – Catálogo*, coord. R. Hidalgo Prieto, Sevilla, pp. 610-621.

CASTANYER, Pere; TREMOLEDA, Joaquin (1999) – Trull i cabana de la vil·la de Vilauba, in *Del romà al romànic*, edd. A. Pladevall e P. de Palol, Barcelona, pp. 156-157.

CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra – Considerazioni sulla fine delle ville in Occidente. *Archeologia Medievale* XXXI, pp. 7-19.

CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra (2007) – *El final de las villae en Hispania (siglos IV-VIII)*. Turnhout, (Bibliothèque de l’Antiquité Tardive 7), Brepols Publishers.

CHRISTIE, Neil (2018) – Introduction. Changing data and changing interpretations in the study of transformations of Late Antique space and society, in *Interpreting transformations of people and landscapes in Late Antiquity and the Early Middle Ages*, edd. P. Diarte-Blasco and N. Christie, Oxford and Philadelphia, Ox-bow Books.


DÍAZ, Pablo (1994) – Propiedad y explotación de la tierra en la Lusitania tardoantigua, in *Les campagnes de Lusitanie romaine: occupation du sol et habitats*, edd. J.-G. Gorges e M. Salinas de Frias, Madrid/Salamanca, Casa de Velazquez/Ediciones Universidad de Salamanca (Collection de la Casa de Vélazquez 47), pp. 297-309.

DURAND, Aline; LEVEAU, Philippe (2004) – Farming in Mediterranean France and rural settlement in the Late Roman and Early Medieval periods: the contribution from Archaeology and environmental sciences in the last twenty years. In *The making of feudal agricultures*, edd. M. Barceló and F. Digaut, Brill, pp. 177-253.

GARCÍA VARGAS, Enrique; VÁZQUEZ PAZ, Jacobo (2013) – Rural population of farmlands south of the Guadalquivir valley in Late Antiquity (fourth-sixth century AD), in *The Theodosian Age (A.D. 379-455). Power, place, belief and learning at the end of the Western empire* edd. R. Garcia Gascó, S. González Sanchez, D. Hernández de la Fuente (BAR International Series 2493), pp. 99-122.

- GONZÁLEZ MARTÍN, Carlos – Poblamiento y territorio en el curso medio del Genil en época romana: nuevas aportaciones arqueológicas. La villa romana de Salar. *Florentia Illiberritana* 25, pp. 157-194.
- GONZÁLEZ MARTÍN, Carlos (2016) – Salar, in *Las villas romanas de la Bética – Catálogo*, coord. R. Hidalgo Prieto, Sevilla, pp. 315-323.
- HAMEROW, Helen (2004) – *Early Medieval Settlements. The Archaeology of rural communities in Northwest Europe 400-900*. Oxford, OUP.
- JONES, A. H. M. (1973) – *The Later Roman Empire 284-602. A social economic and administrative survey*, 2 Vols, Oxford, Basil Blackwell.
- LANCHA, Janine e ANDRÉ, Pierre (2000) – *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal. II – Conventus Pacensis. 1 – A villa de Torre de Palma*. 2 volumes, Lisboa, IPM.
- LAVAN, Luke; SWIFT, Ellen; PUTZEYS, Toon (2007) – “Material spatiality in Late Antiquity: sources, approaches and field methods,” in *Objects in Context, Objects in Use. Material Spatiality in Late Antiquity*, edd. L. Lavan, E. Swift and T. Putzeys (Late Antique Archaeology 5) (Leiden 2007), pp. 1-42.
- LAVAN, Luke (2015) – Field methods and post excavation techniques in late antique archaeology: anyone for discussion?, in *Field Methods and Post-Excavation Techniques in Late Antique Archaeology*, edd. L. Lavan and M. Mulryan, Leiden, Brill, pp. 1-13.
- LEWIT, Tamara (2003) – ‘Vanishing villas’: what happened to elite rural habitation in the West in the 5<sup>th</sup>-6<sup>th</sup> c.? *Journal of Roman Archaeology*, vol. 16, pp. 260-274.
- PESSOA, Miguel (2008) – Um *stibadium* com mosaico na villa romana do Rabaçal, *Revista de História da Arte* 6, pp. 139-161.
- PEYREMANN, Edith (2012) – The Archaeology of early medieval (6<sup>th</sup>-12<sup>th</sup> century) rural settlements in France. *Arqueologia de la arquitectura* 9, pp. 213-230.
- PRATA, Sara (2017) – Objectos arqueológicos alto-medievais em contexto doméstico: o caso da Tapada das Guaritas (Castelo de Vide, Portugal). *Mediaeval Sophia*, 19, pp. 413-429.
- QUARESMA, José Carlos; ANTÓNIO, Jorge (2017) – Importações cerâmicas no interior da *Lusitania* durante a Antiguidade Tardia: tendências e cronologias da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*). *Pyrenae* v. 48, n. 2, pp. 53-122.
- QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio (2017) – *Longhouses*, biografia de la casa y complejidad social en el noroeste peninsular en la alta edad media. *Arqueologia de la arquitectura* 14, pp. 1-21.
- QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio (2018) – *Treinta años de arqueología medieval en España*. Archaeopress.
- RASCÓN MARQUÉS, S.; MÉNDEZ MADARIAGA, A.; DÍAZ DEL RIO, P. (1991) – La reocupación del mosaico del auriga victorioso en la villa romana de El Val (Alcalá de Henares). Un estudio de microespacio. *Arqueología, Paleontología y Etnografía* 1, Madrid, pp. 181-200.
- TEICHNER, Felix (2008) – *Zwischen Land und Meer – Entre tierra y mar. Studien zur Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungen im Süden der römischen Provinz Lusitanien (Studia Lusitana 3)*. Merida, MNAR.
- TEJERIZO GARCÍA, Carlos (2015) – *Arqueologia del campesinado medieval en la cuenca del Duero (ss V-VIII D.C.)*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidad del País Vasco [policopiado].
- TENTE, Catarina (2012) – Settlement and society in the Upper Mondego basin (Centre of Portugal) between the 5<sup>th</sup> and the 11<sup>th</sup> centuries. *Archeologia Medievale* XXXIX, pp. 385-398.
- VALENTE, Maria João e CARNEIRO, André (2015) – *Entre a pecuária e a caça: dados preliminares da fauna de vertebrados da villa romana da Horta da Torre (Fronreira)*. Poster apresentado no encontro *O mundo animal na romanização da Península Ibérica*, Lisboa, 26-27 de Junho.
- VAN OSSEL, Paul e OUZOULIAS, Pierre (2000) – Rural settlement economy in Northern Gaul in the Late Empire: an overview and assessment. *Journal of Roman Archaeology* 13, pp. 133-160.
- VAQUERIZO GIL, Desiderio e NOGUERA CELDRÁN, José Miguel (1997) – *La villa romana de El Ruedo (Almedinilla, Córdoba). Decoración escultórica e interpretación*, Murcia.
- VALENTI, Marco (2004) – *L’insediamento altomedievale delle campagne toscane. Paesaggi, popolamento e villaggi tra VI e X secolo*. Firenze, All’Insegna del Giglio.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2006) – La cerámica del periodo visigodo en Madrid. *Zona Arqueológica* 8/3, pp. 704-713.
- (2009) – Las aldeas altomedievales madrileñas y su proceso formativo. In *The archaeology of early medieval villages in Europe*, edd. J. A. Quirós Castillo, pp. 315-340.
- VOLPE, Giuliano (2006) – *Stibadium e convivium in una villa taroantica (Faragola-Ascoli Satriano)*, in *Studi in onore di Francesco Grelle Silvestrini*, edd. M. Spagnuolo, T. Vigorita, e G., Volpe, Bari, Edipuglia, pp. 319-349.
- WARD-PERKINS, Bryan (1981) – Two Byzantine houses at Luni. *Papers of the British School at Rome* vol. 49, pp. 91-98.
- WICKHAM, Chris (2005) – *Framing the Early Middle Ages. Europe and the Mediterranean 400-800*. Oxford, OUP.





ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2022

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)